

LÍNGUA ITALIANA NA GRANDE SÃO PAULO: QUEM ENSINA E QUEM APRENDE

Danila Di Pietro ZAMBIANCO¹ (USP)

RESUMO: São inúmeros os motivos pela qual o ensino da língua italiana ainda é bastante difundido na região da Grande São Paulo: ascendência familiar em grande parte, pessoas que trabalham em multinacionais italianas ou que possuem negócios com uma empresa italiana, especialistas em moda ou *design*, amantes das artes plásticas, do cinema, da música ou da literatura italiana etc. T tamanha demanda gerou um atraente mercado de trabalho àqueles interessados em lecionar tal idioma. Porém a formação do docente de língua italiana se encontra um pouco a revelia das entidades competentes, ou seja, muitos profissionais que efetivamente trabalham como professores não são licenciados em Letras Italiano. A Universidade seria o lugar ideal para formar tais profissionais, mas o que vemos nas escolas de idiomas particulares e até nas públicas são profissionais preparados de maneira não oficial para tal profissão. Esse estudo é uma pequena mostra de como o ensino do italiano e a formação de professores em tal língua é visto e tratado atualmente na região da Grande São Paulo e os reflexos dessa operação.

ABSTRACT: There are many reasons that contribute to the dissemination of the Italian language in the Great São Paulo region. They are mainly related to the family ascendance, people who work in Italian companies or that have a deal with an Italian enterprise, design or fashion specialists, plastic arts - cinema - music or Italian literature lovers, etc. Such a strong demand generated an attractive profession to the ones interested in teaching the language. However the teacher apprentice is not being treated as it should be, in other words, many professionals that effectively work as teachers are not licensed to the Italian language. The college would be the best place to graduate these professors, but it is hard to find graduated professionals in the public and private language schools. The study is an small sample of how the Italian language teaching is being seen or dealt in this region and their reflexes.

Para conseguirmos analisar a questão específica da formação dos professores de italiano na região da Grande São Paulo, temos que dar um passo atrás para ganharmos amplitude no olhar e reconhecer a existência de uma tríade, onde na base encontramos de um lado o público alvo, os futuros conhecedores da língua italiana, que podemos nomeá-los simplesmente de alunos e de outro os locais onde se faz esse aprendizado, as escolas. Na ponta desse triângulo, estaria quem ensina, o profissional teoricamente capacitado e habilitado para desempenhar tal importante papel. Sem a presença de quaisquer um desses pontos, não existiria a relação de ensino-aprendizagem.

O bloco dos alunos pode ser formado por profissionais que estão relacionados com a língua italiana de alguma maneira, usam a língua italiana como instrumento de trabalho, a empresa em que trabalham pode ser de origem italiana ou ainda possuir negócios com empresas italianas; especialistas em moda, *design*, artes plásticas, música, cinema, gastronomia, literatura italiana ou ainda interessados em cultura italiana em geral; e em grande parte os ascendentes de italianos. Essas pessoas formam um mercado de trabalho muito forte na Grande São Paulo, onde, aliás, a imigração italiana foi muito intensa. Todos os grupos apresentados procuram o idioma com um forte entusiasmo, seja o motivo profissional ou afetivo.

O ensino da língua italiana pode se dar em vários ambientes: escolas particulares de idiomas em geral, ou seja, além de italiano a escola pode oferecer cursos de inglês, espanhol, francês ou alemão; escola específica de italiano particular, onde geralmente são oferecidos além dos cursos de língua, cursos de cultura italiana; associações representantes das várias regiões italianas aqui no Brasil; o Instituto italiano de Cultura de São Paulo; cursos extracurriculares de várias faculdades renomadas, tais como, USP, PUC, Mackenzie entre outras, em todos esses espaços os cursos são pagos e alguns poucos oferecem pequenas possibilidades de bolsa de estudo; nos CELs, Centro de ensino de línguas do Estado de São Paulo; nas escolas municipais de São Paulo, nos denominados CEUs; em algumas escolas de São Paulo onde está sendo implementado o horário integral; em algumas escolas municipais da região da Grande São Paulo, como por exemplo São Caetano do Sul, onde existe uma escola municipal de idiomas; existem ainda escolas, públicas e particulares de ensino fundamental e médio cuja a grade regular inclui o ensino do italiano; outro espaço onde acontecem

¹ niladipietro@yahoo.com.br

aulas de italianos, são as empresas, mas geralmente as aulas são tuteladas por escolas de idiomas particulares, ou um professor é contratado pela empresa para capacitar os funcionários.

Chegamos enfim ao ápice, a ponta do triângulo, onde encontramos nosso argumento central: o profissional, o professor de língua italiana. Na seqüência perceberemos que o assunto permeia em um ambiente híbrido.

As escolas estaduais da Grande São Paulo exigem em edital no início do ano a licenciatura na língua em questão. Porém encontra-se de maneira não muito rara, professores habilitados em outras línguas (inglês, alemão, espanhol ou português) lecionando o italiano. As escolas municipais de São Paulo que ensinam italiano para completar o horário integral que os alunos devem permanecer na escola contratam professores nas mesmas condições acima: professores licenciados em italiano (até o momento não foram encontradas irregularidades nessas contratações). As universidades escolhem seus profissionais com processo seletivo próprio, procurando rigorosidade em suas contratações. As escolas particulares de idiomas e de ensino fundamental e médio contratam professores de maneira específica, com processo seletivo próprio, não levando muito em consideração a formação acadêmica, mas sim, o que o entrevistador da escola entende por fluência no idioma. São nesses casos que ocorrem a maior incidência de pessoas nativas contratadas sem a formação pedagógica adequada e muitas vezes sem a formação gramatical necessária também, já que estamos falando de engenheiros, químicos ou ainda pessoas que nem concluíram qualquer curso superior. Estão nesse grupo, também, as pessoas que não possuem nem a formação específica, nem outro curso superior e também não são nativos, mas trabalham por terem sido contratados pelas escolas, porque elas entendem que estariam capacitados para tais cargos. Encontramos nas associações italianas pessoas admitidas nas mesmas condições citadas acima.

Nas escolas municipais quem compõem a Grande São Paulo, como é o caso de São Caetano do Sul ou Osasco, os professores também devem haver a formação específica.

Os professores que ensinam italiano nos CEUs da Prefeitura de São Paulo, são professores efetivos da rede, concursados em outros cargos, que têm curso superior em pedagogia, em letras português, inglês, matemática, história etc. Tais professores recebem formação da FECIBESP (*Federação das entidades culturais ítalo-brasileiras do Estado de São Paulo*, além do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia e Acre), que tem um acordo com a Prefeitura de São Paulo para essas formações e o reconhecimento do Consulado da Itália no Brasil. Os cursos oferecidos por eles têm duração de 450 horas, sendo três módulos de 150, e ao entender deles, após ter concluído o primeiro módulo, os professores da rede já estariam aptos para ensinarem italiano nas escolas. A inscrição para a formação é livre e pede como pré-requisito ser professor de língua, mas na prática até professores de educação física fazem o curso e recebem o certificado de conclusão. São 97 professores da rede municipal de São Paulo (dos CEUs) que fazem o curso intitulado: *Língua, linguagem e cultura italiana*, segundo a FECIBESP.

Além disso, a FECIBESP, se encarrega pela formação continuada dos professores da rede estadual de São Paulo e das associações. Os professores da rede estadual são obrigados a fazer anualmente a chamada OT (orientação técnica), são três dias de cursos oferecidos pela FECIBESP. Para as associações a FECIBESP, oferece uma proposta diferenciada, eles possuem o projeto “*piano paese*” e o curso de “*aggiornamento*”, que oferece seis módulos de 40 horas semanais cada, dados duas vezes ao ano. Professores da Universidade de Perugia na Itália vêm ao Brasil e trabalham com um grupo reduzido de professores das associações, escolhidos pela FECIBESP, estes professores seriam os multiplicadores e passariam o conhecimento adquirido para os outros professores de todas as outras associações. O objetivo final é que os professores das associações alcancem o nível B2 do Quadro Comum de Referência para o ensino de línguas estrangeiras da União Européia. Concluído isso eles teriam uma formação em didática do ensino do italiano. Vale a pena ressaltar que os professores de associações que recebem a formação diretamente dos professores de Perugia não são obrigados a comprovarem nenhum tipo de formação acadêmica, e ainda assim serão esses os profissionais que serão responsáveis por multiplicar esse conhecimento para com seus colegas professores das associações e também são esses os responsáveis pela formação dos professores da rede. Temos então pessoas, sem pelo menos um curso superior, ensinando como os professores concursados da rede municipal de São Paulo devem trabalhar com seus alunos das escolas municipais. Além disso, FECIBESP recebe uma quantia anual de 400.000,00 Euros que paga o transporte para que esses cursos sejam realizados, professores dessas associações quem vêm de muitas partes do país além dos professores que vêm de Perugia, custeia eventos culturais (mostras de cinema, arte etc.) e oferece material didático para as associações. A FECIBESP tem sob sua tutela em média em todo o Brasil, 1.100.000 alunos, das associações e da prefeitura de São Paulo (CEUs) que aprendem com professores formados por essa federação.

Outras instituições oferecem formação continuada para professores de italiano, porém de maneira não regular, como é o caso da USP que ainda esse semestre ofereceu um curso de quatro meses em didática de ensino do italiano como língua estrangeira e o Instituto Italiano de cultura de São Paulo, que promove cursos de atualização para seus professores e esporadicamente eles abrem as portas para os outros professores convidados por eles. O Instituto Italiano de Cultura de São Paulo é um órgão oficial do governo italiano responsável por disseminar a cultura italiana em São Paulo.

De uma maneira geral é assim que encontramos a realidade do ensino do italiano na Grande São Paulo. Temos ainda algumas opções do mercado internacional para quem queira se profissionalizar em ensino do italiano.

As Universidades de *Siena, Perugia e Venezia* na Itália oferecem certificados que comprovem a então didática no ensino do italiano como língua estrangeira. Os nomeados *DITALS, CEDILS e o Certificato Glottodidattico* têm um custo que vai de 100 a 150 Euros e não exigem formações específicas na área de língua italiana como pré-requisito, mas sim experiência no ensino de italiano como LS ou L2, em alguns casos, como no do DITALS da Universidade de Siena, essa experiência pode ser substituída pelo curso preparatório para o exame que custa 400 Euros, este mesmo tem ainda um segundo nível que pressupõe então, em mais um curso preparatório e mais um exame, ou seja, mais 550 Euros em média².

O fato é que ainda não é aceitável no Brasil certificados que não sejam expedidos pelas autoridades competentes, como as faculdades que são efetivamente habilitadas para isso. Porém já está em discussão a possibilidade que a formação que a FECIBESP oferece a seus professores seja também aceita para que eles ensinem nas redes estaduais de ensino, este projeto entre outras medidas comerciais está sendo discutido em um acordo bilateral entre Brasil e Itália.

A graduação em Letras Italiano proporciona ao futuro especialista do idioma italiano, não apenas um conhecimento razoável sobre a língua, conforme dito na linha anterior, ele será um especialista da língua e da literatura italiana, aprenderá não somente a decorar tabelas verbais e preposições, mas a pensar, raciocinar e discutir sobre a língua e a cultura, este percurso leva no mínimo quatro anos. A formação em licenciatura em língua e literatura italiana oferece para o então graduando um amplo conhecimento em didática, psicologia do ensino, legislação educacional, metodologia do italiano (I e II), além de um panorama histórico e filosófico da educação em geral, tais disciplinas devem ser cursadas em no mínimo em um ano e meio e todas elas exigem estágio presencial em sala de aula. Não acredito que saltar essas etapas importantes na formação do futuro professor de italiano seja considerado aceitável. Os maiores prejudicados são os futuros alunos que acreditam nas instituições nas quais se matriculam para fazer um curso, seja ele na escola regular ou não, e em muitas vezes fazem investimentos financeiros para que seu objetivo de conhecer a língua e a cultura italiana seja alcançado. O papel da formação de tais profissionais é da universidade pública por que é ela quem investe em pesquisas contínuas para o aprimoramento da ciência. Permitir que pessoas sem nem sequer um curso superior, ou então advogados italianos, se encarreguem disso tem como reflexos a banalização e o desprezo pelo trabalho sério desenvolvido nas universidades.

Referências bibliográficas

CELENTIN, P. E DOLCI, R. **La formazione di base Del docente di italiano per stranieri**. Roma: Bonacci editore, 2000.

SERRAGIOTTO, G. **CEDILS Certificazione in didattica dell'italiano a stranieri**. Roma: Bonacci editore, 2004.

DIADORI, P. **La Ditals Risponde 1-2**. Perugia: Guerra edizioni, 2003.

MEZZADRI, M. **La Qualità nell'Insegnamento delle Lingue Straniere**. Perugia: Guerra edizioni, 2005.

² preços referentes ao ano de 2006.